

UM OLHAR OUTRO

Agora que se prepara o retomar da actividade económica e académica, é mais que tempo de pensarmos na abertura das igrejas e no retomar da possível actividade pastoral. Nunca se dispensando a sabedoria nas decisões concretas, com a sensatez nunca descurada diante de um perigo bem real, ao menos nós, os cristãos, não deixemos que, por incúria nossa, nos atirem para o rol dos superfluos ou do que não é necessário. O nosso testemunho, numa cultura laicista em que Deus não conta, assume uma acuidade especial. Como diziam os primeiros cristãos, «não podemos viver sem o domingo», diremos nós agora: não podemos viver sem a comunidade que celebra a fé, louvando a Deus e confortando-se mutuamente. Fazemos a experiência dolorosa de evitar toque, abraço, beijo, cumprimento de mão. Certamente que aprendemos a valorizar mais as relações familiares e o sentido de pertença a um lar. Desejamos o convívio social e retomar a actividade. Desejamos também retomar a actividade pastoral: as crianças na catequese, os grupos a encontrarem-se, os corais a ensaiarem com gosto para uma digna celebração comunitária da fé, os adultos a frequentarem a catequese, os crismandos a retomarem o processo de formação, os escuteiros a exercitarem as actividades em grupo. O bom senso determinará em cada caso a altura certa e o modo adequado de tal acontecer.

Fui seguindo com atenção a criatividade gerada pelo confinamento. E admirei a ousadia de alguns colegas padres que, sem porem em causa determinações superiores, encontraram maneiras de estar junto do seu povo. Uma das notícias dava-me conta de que um sacerdote de Lisboa manteve sempre a igreja aberta e atendia as pessoas, no respeito total das distâncias. E afirmava: «isto só é possível porque a Junta de Freguesia se ofereceu, todos os dias, para vir fazer a limpeza e a desinfecção do espaço, permitindo assim que as nossas portas se mantenha abertas» (DN, 15/4/2020).

É preocupante que tenha disparado a venda de anti-depressivos ou a resistência a ir ao hospital com medo do contágio. Ou o aumento de pedidos de divórcios. Sinais claros de que o confinamento, claramente justificado, precisava de algo mais, que pudesse aliviar tensões. Uma vez mais, muito se poderia esperar das paróquias. Acatei ordens e as igrejas da cidade estão fechadas. Ainda hoje penso que seria melhor mantê-las abertas. Seriam muito poucas aquelas pessoas que nelas entrariam, é verdade. Mas, uma que fosse merecida ser considerada: é que, honestamente, temos de reconhecer que no entrar de uma pessoa no silêncio de uma igreja aberta está um grande mistério a respeitar. Nunca saberemos as razões do coração. Pode ser até um ateu, uma pessoa em crise pessoal, porventura a viver um drama pessoal ou familiar. As nossas igrejas abertas - porque é que o Papa Francisco insiste tanto em mantê-las abertas? - são muitas vezes as únicas testemunhas de um desabafo em lágrimas. De modo especial, o crente sabe «para Quem» chora. E seria difícil encontrar uma estratégia para que as pessoas não se cruzassem umas com as outras ou não fizessem grupo? Há ainda uma outra razão: elas precisam de estar abertas para a circulação de ar e para manterem um ambiente sadio. Numa altura em que há reivindicações de aberturas de mercados e feiras... as igrejas estão fechadas!

Admiramos, e bem, os que estão na linha da frente, merecedores de toda a consideração e gratidão pública. Pessoal do hospital, forças de segurança, bombeiros, servidores dos bens de primeira necessidade, cuidadores de hortas e de animais, da limpeza das ruas... E nós, os padres? Não temos uma missão única na linha da frente? Fomos simplesmente ignorados. Até se discutiu se um capelão de hospital podia ou não aproximar-se de um moribundo. O Papa denunciou esta frieza da morte pelo COVIR 19. E, felizmente, não faltou quem denunciasse esta injustiça, a de abandonar os moribundos, a maior parte deles que deram tanto do seu esforço ao país que somos... Contentamo-nos com um funeral rápido e em privado. Espero que, naqueles a que presidi, as famílias aceitem a sugestão que lhes fiz: passada a pandemia, juntar-se a família em celebração previamente anunciada para fazer memória sufragante do falecido e ajudar os que ficam no processo de luto. Tenho pena que, sobre este assunto, dos nossos bispos, que, reconheço, estiveram particularmente activos, não tenha havido uma palavra mais acutilante e comprometida dos párocos: é que eles vivem no meio do povo, conhecem as pessoas e, muitas vezes, é-lhes reconhecida uma presença de conforto única. A sociedade civil, no meio das desgraças, mandata e paga para «apoio psicológico». No meio desta pandemia descura-se um capital imediato, gratuito e eficaz.

Um dia gostaria de ouvir os meus conselheiros sobre o modo como vivemos e aproveitamos estes tempos e a «explorar» inovações pastorais surgidas, para me ajudarem na condução da Paróquia.

O Prior – P. Abílio Cardoso

Tiragem semanal: 150 ex.

GUSTAVO SANTOS: "A ECONOMIA VAI LEVAR UM ABALO BRUTAL E AINDA BEM"

O apresentador acredita que a pandemia ajudará a despertar muitas pessoas.

Esta quinta-feira, dia 16, Fátima Lopes esteve à conversa com Gustavo Santos durante o programa da TVI, 'A Tarde é Sua'. Depois de ter re-velado que tinha sido pai pela segunda vez há menos de um mês, o também escritor aproveitou para refletir sobre a situação atual por que o mundo está a passar.

"Se olharmos para o estado do mundo neste momento, a Covid é um mensageiro de amor a dizer 'isto como está não pode continuar'. A economia não pode estar acima da educação, da família, da natureza, da saúde", justifica. Entretanto, acrescenta: "A economia vai levar um abalo brutal e ainda bem. A economia mata as pessoas, às vezes não lhes tira o ar, mas mata-as porque as manipula, escraviza, amedronta, as ameaça. [...] Há muitas pessoas que vão manter o registo e outras vão ser despertadas", completou.

Marilene Direito Rodrigues, In Notícias ao Minuto

JOÃO MACHADO DA SILVA

Faleceu João Machado da Silva, de 91 anos, a 18 de Abril, ele que era casado com Ana Maria Alves Gomes.



FRANCISCO ISOLINO AMARAL ARANTES



Faleceu Francisco Isolino Amaral Arantes, de 87 anos, a 22 de Abril, ele que era casado com Maria Teresa Carvalho Matos.

(...) Apesar da conotação negativa atual, gosto muito da palavra confinamento. É fantástica, com um potencial hermenêutico incrível. Estar confinado é, de alguma forma, ter consciência dos limites que nos cercam. E, neste momento, serve para despertar a consciência de que todos vivemos em regime de liberdade condicionada, não apenas em tempo de pandemia. Oxalá saíssemos disto um pouco mais responsáveis e comprometidos com a Humanidade, mas temo que a pandemia seja insuficiente para enfrentar esta sociedade de consumo descontrolado ou de capitalismo selvagem. Por agora, as pessoas estão a cair em si, fruto das circunstâncias, mas mal abram os centros comerciais e quando o vírus deixar de nos perturbar, tudo voltará ao mesmo. O elástico esticou, continua tenso, mas quando deixar de haver motivos para isso, regressará ao ponto inicial. Este deveria ser um momento para pensarmos que, afinal, dependemos muito mais dos outros do que julgamos.

Nuno Hígino, poeta e escritor, In Visão, 16.04.2020

BODAS DE DIAMANTE

Vão celebrar na sexta-feira, dia 1, as suas bodas de diamante de casamento **José Carlos Carvalho Vieira e Maria da Glória Martins Araújo**. O casamento foi celebrado na Igreja Matriz no dia 01 de Maio de 1960. A Paróquia une-se à acção de graças e felicita o casal por este jubileu.

PARA ELES OS NOSSOS PARABÉNS



Ano XVI - Nº 17 - 26 de Abril de 2020

Rua D. António Barroso, 116, 4750-258 Barcelos. Tel. 253 811 451, Telm. 966 201 411, email: paroquiadebarcelos@sapo.pt

Web: paroquiadebarcelos.org - Facebook: www.facebook.com/paroquiadebarcelos/

Aparece o Ressuscitado... o medo dá lugar à missão

O desejo é grande. A necessidade é evidente para muitos. Abram-se as igrejas, sem pormos em risco a saúde pública. Não seria difícil educar para que o entrar, recolher-se em oração e sair se possa fazer mantendo o distanciamento social. Há dias, alguém me chamou a atenção para um grupo de pessoas que, à porta do Senhor da Cruz, de joelhos rezava. E não faltam pessoas a argumentar que se trata de um exagero ter as igrejas fechadas. Vivo na esperança de que em breve as igrejas de Barcelos possam reabrir.

FESTA DAS CRUZES – SIM OU NÃO?

Em tempos de pandemia, o que mais gostaríamos de ouvir era de que haveria festa das cruzes.

E vai haver festa. Não aquela a que estávamos habituados, como há muito foi decidido e todos compreendemos.

Mas o dia da «Invenção da Santa Cruz» será assinalado, se mais não for, com a celebração da Eucaristia em privado, transmitida pelo facebook da Paróquia.

Poderemos ir mais longe? Vontade não falta.

Precisamos de festa, todos. E queremos assinalar o dia com algo mais que a celebração em privado. O que se fizer nunca poderá pôr em causa o determinado superiormente para acautelar os riscos para a saúde pública. Pensando alto, seria demais pedir aos barcelenses que retomassem as cruzes que «enfeitaram» a cidade na Semana Santa e Páscoa, para as enfeitarem de novo? Porque não todas as casas com uma cruz enfeitada de flores (é já o mês das flores) à janela? Sendo o Dia da Mãe, espera-se dos catequistas o seu empenho: na motivação das crianças.

enfrentando todas as ameaças. Porque Ele está vivo.

Nós, os cristãos de hoje, só temos razões para nos sentirmos felizes: fomos encontrados por Jesus, que continua vivo a dar vida nesta Igreja chamada a gerar Esperança, a dar alegria, a vencer os medos. Nenhuma pandemia pode ter força para calar os cristãos, fechar-lhes as igrejas e reduzi-los ao materialismo consumista. Porque foram encontrados pelo Ressuscitado.

O Prior – P. Abílio Cardoso

57ª Semana das Vocações

ORAÇÃO

Vem, Senhor Jesus, verdadeiro Filho de Deus, bom e belo Pastor, caminha hoje sobre as águas que agitam o nosso mundo atribulado. Abre os nossos ouvidos e o nosso coração à Tua voz que acalma, chama e envia. Dá firmeza ao nosso caminhar, infunde em nós a Tua coragem, ensina-nos a reconhecer em cada dificuldade, em cada momento de dor ou de incerteza, a Tua presença que dissipa todo o medo. Sobe para a barca da nossa vida para seres o dono do leme, pois seguros navegamos sempre que estás no meio de nós. Aceita a nossa gratidão e o nosso louvor, Senhor Jesus, verdadeiro Filho de Deus, Bom e belo Pastor. Amém!

MUITO CUIDADO COM PROFECIAS CATASTRÓFICAS NO MEIO DE UMA CATÁSTROFE!

"Tenha discernimento! Como é bom entender que o Senhor é Deus de paz e não de confusão!", exorta o pe. José Eduardo Oliveira postou um importante alerta: Muito cuidado com profecias catastróficas no meio de uma catástrofe.

É fácil demais falar bem de calamidades enquanto estão acontecendo. Tem muita gente que gosta de jogar lenha na fogueira e semear pânico no coração dos outros. Tenha discernimento! Como é bom entender que o Senhor é Deus de paz e não de confusão! Faça a sua parte, ore e deixe o mais nas mãos do Pai. Ele está no controle de tudo!

Pe. José Eduardo Oliveira, In Aleiteia, 15/4/2020

A VIDA DO POVO DE DEUS TORNADA ORAÇÃO III DOMINGO DE PÁSCOA

Mostrai-me, Senhor, o caminho da vida

Segunda, 27 – Leituras: Act 6,8-15
Jo 6, 22-29

Terça, 28 – S. Pedro Chanel,
S. Luís Maria Grignon de Montfort
Leituras: Act 7, 51-8, 1a
Jo 6, 30-35

Quarta, 29 – S. Catarina de Sena
Leituras: 1 Jo 1, 5-2, 2
Mt 11, 25-30

Quinta, 30 – S. Pio V
Leituras: Act 8, 26-40
Jo 6, 44-51

Sexta, 1 – S. José operário
Leituras: Act 9, 1-20
Jo 6, 52-59

Sábado, 2 – S. Atanásio
Leituras: Act 9, 31-42
Jo 6, 60-69

DOMINGO, 3 – IV DA PÁSCOA
Leituras: Act 2, 14a. 36-41
1 Pedro 2, 20b-25
Jo 10, 1-10

Intenções das missas a celebrar na Matriz

(Segunda a Sábado: 19.00 / Domingo: 11.00 e 19.00)

Segunda, 27 – Paula Alexandra Pinto Azevedo Quintas da Silva e avós

Terça, 28 – Fernanda Leal Pinto Miranda, pais e irmão

Quarta, 29 – Maria Júlia Costa Vasconcelos

Quinta, 30 – *Intenções colectivas:*

- Leonel da Quinta Fernandes
- Luís Miguel Ribeiro de Faria (aniv. nascimento)
- Maria Aurora Andrade Lemos
- Paula Maria Lopes Lourenço
- Rosa de Lurdes da Costa Amorim (aniv. nasc.) e Manuel Vieira Antunes (2ºaniv.)
- Henrique Silva Mota Faria
- Maria do Carmo Pimenta Ramião
- Manuel Correia da Silva e esposa Margarida Alzira Furtado

Sexta, 1 – Em honra de S. José (Alexandra Afonseca)

Sábado, 2 – *Intenções colectivas:*

- Domingos Ferreira da Cruz
- Teresa Augusta da Silva, marido e filhos

Domingo, 3 – 11.00 – Missa pelo povo



APÓS A «ASCENSÃO», EI-LO DE NOVO EM «DESCENSÃO»!

1. A Páscoa é a diferença absoluta para uma presença total. Sem a Páscoa, o máximo que poderíamos dizer era que «Cristo viveu». Em Páscoa, podemos – e devemos proclamar que «Cristo está vivo» (cf. Act 25, 19)!

2. Efectivamente, o Cristianismo não é a recordação de um ausente, mas a contínua celebração de uma presença. A Ressurreição não provocou uma ausência, tendo inaugurado uma nova presença.

3. Aliás, podemos dizer que – neste instante – Cristo está em plena «descensão». Após a «ascensão», Ele «desce» de novo para acudir à multidão de sofredores que povoam o mundo. Dir-se-ia que «não tem mãos a medir» no Seu eterno afã de ser vida e dar vida.

4. E é assim que – nesta altura dramática da nossa história –, Cristo vivo anda em contínua «visita pascal» por tantos hospitais, por tantos leitos. Cristo vivo é fonte de vida para todas as vidas.

5. Ele faz uma igreja em cada casa e prolonga a Sua Igreja em tantos rostos tingidos pela dor, pela ansiedade. Ele é a esperança que afaga tantas lágrimas e o calor que aquece tantos corações. Ele percorre todo um mundo que sofre, geme e chora. A todos Ele vai com Vida para nos ajudar a vencer o Covid. É por isso que, neste momento, é fundamental não deixar adormecer a fé e o amor.

6. Vejo Cristo vivo, sem qualquer tempo para descansar. Ele está ao nosso lado, no ventre desta humanidade sofredora. Por isso, voltemo-nos para Ele, como Ele está sempre voltado para nós.

7. Não esqueçamos que – mesmo depois de Ressuscitado – Ele manteve as marcas do sofrimento. A Tomé (cf. Jo 20, 27), Ele quis mostrar que estará – para sempre – ao lado dos que estão cobertos pelas feridas da dor, do medo e da desesperança.

8. «Não tenhais medo» (Mt 28, 10). Continua a ser o convite de Cristo vivo e fonte de vida. Não estão a ser fáceis estes dias. Mas Cristo está presente. Ele é a presença que marca toda a diferença.

9. Não nos deixemos abater. Cristo, cheio de vida, dar-nos-á forças para vencer. Jesus «desalojou-Se» do Céu para, na Terra, ser a luz e o ânimo para quem combate nesta «guerra».

10. O «inimigo» é eficaz, traiçoeiro e invisível. Mas o nosso Deus é bom, amoroso e invencível. Por agora, temo-nos de nos «esconder» do vírus, que ameaça em todo o lado. Mas o bom Deus não deixará ninguém abandonado!

João António Pinheiro Teixeira, In DM 21.04.2020

"EU NÃO ESTOU MORTO"

Em Toulouse, na França, enquanto Olivier, estava sob cuidados médicos intensivos, e prestes a morrer, seu irmão, Bertrand, que se encontrava em Lourdes (França), rezava por ele. Salvo, Olivier foi agradecer a Nossa Senhora por sua intercessão, que o havia curado: "Eis o que aconteceu comigo. Eu tive um choque séptico vital – comumente chamado de septicemia. A probabilidade de cura existe, porém, tudo depende do tempo de espera, antes de ser atendido. Às vezes, bastam, apenas, alguns minutos de demora, para que seja tarde demais. Longas horas passaram antes que alguém viesse cuidar de mim!"

"Em 2 de abril de 2016, no final da manhã, recuperei a consciência. À noite, às 21h30, meu irmão Bertrand, alertado por minha filha, fez o caminho para chegar ao hospital e vir à cabeceira da minha cama, declarando, prontamente: "Estou chegando de Lourdes, onde passei o dia na capela das confissões. Sabe, durante todo o dia, não parei de rezar por você. No dia 9 de abril, minha filha veio me buscar para me levar de volta para casa. Desde então, voltei a uma vida, completamente normal! "Depois do que aconteceu comigo, não estou morto! Eu só tive uma ideia na cabeça, e apenas um desejo ardente, no coração: de Toulouse, ir o mais rápido possível a Lourdes, para dar graças a Nossa Senhora por sua intercessão. Consegui realizar este sonho, no dia 11 de maio de 2016."

Olivier (France), Publicado no Lourdes Journal des Grâces #5 (Lourdes, Jornal das Graças) Julho de 2016

IR À MISSA DIMINUI RISCOS DE DEPRESSÃO E PROTEGE CONTRA O SUICÍDIO, DIZ ESTUDO DE HARVARD

O professor de epidemiologia na Universidade de Harvard, Tyler J. VanderWeele e o especialista em comunicações, John Siniff publicaram no jornal americano 'USA Today' que participar da missa regularmente é "um remédio para melhorar a saúde física e mental".

O artigo aponta os resultados de um estudo feito por VanderWeele, em que mostra que a participação frequente nos serviços religiosos estava associada com uma taxa significativamente mais baixa de suicídio.

VanderWeele e Siniff assinalaram que a saúde e a religião estão muito ligadas" e, de acordo com o estudo publicado, os adultos que vão à Missa pelo menos uma vez por semana, em comparação com aqueles que nunca vão, apresentam um menor risco de morte na próxima década e meia. "Os resultados foram replicados em suficientes estudos e populações para ser considerados bastante confiáveis", asseguraram os pesquisadores.

VanderWeele e Siniff reforçaram que é importante a experiência da fé comunitária, que ir à Igreja é fundamental, não basta apenas uma espiritualidade intimista, privada ou prática solitária. "Algo na participação religiosa comunitária parece ser essencial", assinalaram.

"A investigação de Harvard e outras indicam que, possivelmente devido a uma mensagem de fé ou esperança", pessoas que participam da Missa são mais otimistas e têm

OFERTAS PARA BOLETIM

Pedimos a colaboração generosa para com o Boletim, que é distribuído gratuitamente.

– Anónimo – 5,00

TOTAL DA SEMANA – 5,00 euros

A transportar: 21.173,95 euros
Despesas até agora: 30.705,36 euros

por Editor ChurchPOP
27.11.2018

MUNDO COVID-19

A revista católica espanhola Vida Nueva publicou aquele que é o "plano para ressuscitar" a humanidade após a pandemia de Covid-19, da autoria do Papa Francisco. Um extenso texto que começa com um apelo à "alegria" apesar de todas as circunstâncias.

O Sumo Pontífice assume que tal pode ser entendido como "uma provocação, e inclusive, uma atitude de mau gosto diante das graves consequências" do surto do novo coronavírus, mas sustenta que é essencial para ultrapassar esta batalha.

"Não são poucos os que poderiam pensá-lo, assim como os discípulos de Emaús, como um gesto de ignorância ou de irresponsabilidade. Como as primeiras discípulas que foram ao túmulo, vivemos rodeados por um clima de dor e incertezas que faz com que nos perguntemos 'Quem rolará a pedra da entrada do túmulo para nós?', escreve.

Como faremos para levar adiante esta situação que nos transborda completamente? O impacto de tudo o que acontece, as graves consequências que se apresentam e vislumbam, a dor e o luto pelos nossos entes queridos nos desorientam, desencorajam e paralisam. É o peso da pedra do túmulo que se impõe diante do futuro e que ameaça com o seu realismo, sepultar toda a esperança. É o peso da angústia das pessoas vulneráveis e idosas que passam a quarentena na absoluta solidão, é o peso das famílias que não sabem como conseguir um prato de comida em suas mesas, é o peso dos profissionais da saúde e servidores públicos que estão exaustos e desanimados... Esse peso que parece ter a última palavra", prossegue.

No entanto, Jorge Mario Bergoglio refere que, "se há algo que aprendemos neste tempo é que ninguém se salva sozinho. As fronteiras caem, os muros desabam, e todos os discursos fundamentalistas se dissolvem diante de uma presença quase imperceptível que manifesta a fragilidade à qual estamos sujeitos".

"Este é o tempo propício do Senhor, que nos pede para não nos conformarmos nem ficarmos satisfeitos e menos ainda justificarmos-nos com lógicas substituíveis ou paliativas que nos impeçam de assumir o impacto e as graves consequências que estamos vivendo", refere.

O Papa Francisco escreve que esta é a altura ideal para "unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral", até porque "uma emergência como a da Covid-19 é derrotada, em primeiro lugar, com os anticorpos da solidariedade". Uma lição que, assegura, "romperá todo o fatalismo no qual estávamos imersos e permitirá voltar a sentirmo-nos artífices e protagonistas de uma história comum e, assim, responder conjuntamente a tantos males que atingem milhões de irmãos ao redor do mundo". "Se atuarmos como um só povo, unido diante de outras epidemias que nos rodeiam, podemos ganhar um impacto real. Seremos capazes de atuar com responsabilidade diante da fome que muitos sofrem, sabendo que temos alimentos para todos? Continuaremos olhando para o outro lado com um silêncio cúmplice diante destas guerras fomentadas por desejos de domínio e de poder? Estaremos dispostos a mudar os estilos de vida que mergulham tantos na pobreza, promovendo e animando-nos a levar uma vida mais austera e humana que possibilite uma divisão equitativa dos recursos?", questiona.

"Adotaremos como comunidade internacional as medidas necessárias para deter a devastação do meio ambiente ou seguiremos negando a evidência? A globalização da indiferença seguirá amenizando e tentando o nosso caminho... Esperemos que nos encontre com os anticorpos necessários da justiça, da caridade e da solidariedade. Não tenhamos medo de viver a alternativa da civilização do amor, que é "uma civilização da esperança: contra a angústia e o medo, a tristeza e o desalento, a passividade e o cansaço. A civilização do amor se constrói no dia a dia, de modo ininterrupto. Pressupõe o esforço comprometido de todos", completa.

In Noticias ao Minuto, 17 de Abril de 2020